

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E A ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE: A PRODUÇÃO DE CÍRCULOS DIALÓGICOS EM REDE

*Fabiane Freire França*⁴⁸

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar a potencialidade do pensamento de Paulo Freire para a efetivação de propostas voltadas à educação em direitos humanos por meio de círculos dialógicos inspirados na metodologia dos círculos de cultura. Nesse sentido, problematizamos: como a teoria freiriana pode contribuir para a educação em direitos humanos por meio de círculos dialógicos? A metodologia da pesquisa foi organizada por meio de intervenção pedagógica e dialógica, em rede, que propõe articular a produção de conteúdo que se refere às temáticas de direitos humanos tais como ações e políticas voltadas às mulheres, população negra, indígena, idosa, LGBTQ+, crianças e adolescentes, dentre outras. Os resultados da pesquisa são oriundos das ações no tripé ensino, pesquisa e extensão, realizadas na disciplina de Educação em Direitos Humanos, do primeiro ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná *Campus* de Campo Mourão, nas orientações de iniciação científica, bem como de mestrado, junto ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC/CNPq). Os resultados da pesquisa foram organizados em três eixos de dis-

⁴⁸ Professora Adjunta do Colegiado de Pedagogia e do Programa de Mestrado Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Unespar, *Campus* de Campo Mourão. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE/UEM). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC/CNPq). Coordenadora do Centro de Educação em Direitos Humanos da UNESPAR. E-mail: fabiane.freire@unespar.edu.br

cussões: 1) WebQuest e Direitos Humanos: a produção de círculos dialógicos com estudantes de pedagogia; 2) A importância do ato de ler e a iniciação científica em rede; 3) A educação como prática da liberdade em pesquisas transgressoras. Consideramos que a produção e a utilização dos círculos dialógicos, inspirados em Freire, nos variados meios, podem abrir espaços para a efetivação de uma educação em direitos humanos como prática da liberdade.

Palavras-chave: Educação, Paulo Freire; Direitos Humanos, Círculos Dialógicos.

EDUCATION IN HUMAN RIGHTS AND THE UPDATEDNESS OF PAULO FREIRE'S IDEAS: THE PRODUCTION OF NETWORK DIALOGICAL CIRCLES

Abstract

The potentiality of Paulo Freire's ideas is provided for the concretization of proposals on the education in Human Rights through dialogical circles inspired on the methodology of culture circles. How may Freire's theory contribute towards an education in Human Rights by dialogical circles? Research methodology was organized by network pedagogical and dialogical intervention, which proposes the articulation of the production of contents on themes of Human Rights, such as activities and policies with regard to women, negroes, indigenes, elderly people, LGBTQ+, children, adolescents and others. Results emerge from the three sources, namely, teaching, research and extension, undertaken in the discipline called Education in Human Rights, in the first year of the Course in Pedagogy of Universidade Estadual do Paraná *Campus* de Campo Mourão, Brazil, in Scientific Initiation's and Master's Programs of the study and research group, Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC/CNPq). Research results were organized within three axes of discussion: 1) WebQuest and Human Rights: the production of dialogical circles with pedagogy students; 2) The importance of the reading act and network scientific initiation; 3) Education as a practice of freedom in transgression research. The production and use of dialogical circles, inspired by Freire, within several milieus, may provide many opportunities for the effectiveness of education in Human Rights as a practice of freedom.

Keywords: Education, Paulo Freire; Human Rights, Dialogical Circles.

Introdução

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar a potencialidade do pensamento de Paulo Freire para a efetivação de propostas

voltadas à educação em direitos humanos por meio de círculos dialógicos inspirados na metodologia dos círculos de cultura. A pesquisa se ancora em uma intervenção dialógica em rede, que propõe a produção de WebQuest como metodologia articuladora para pensar a educação em direitos humanos pelo viés freiriano, bem como sugestões de uma formação continuada mediante conteúdos, documentários, filmes, publicidades, desenhos, etc.

Em vista disso, nos indagamos: como a teoria freiriana pode contribuir para a educação em direitos humanos por meio de círculos dialógicos? A metodologia utilizada para a realização da atividade foi organizada em encontros caracterizados como círculos dialógicos (FRANÇA, 2014) durante a realização da disciplina de Educação em Direitos Humanos, com estudantes do primeiro ano do curso Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná *Campus* de Campo Mourão (UNESPAR). Os encontros foram também realizados com orientandas/os integrantes do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura, vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (GEPEDEC/CNPq), com pesquisas oriundas do programa de iniciação científica e dos programas de pós-graduação em educação e interdisciplinar.

Para o presente texto destacamos os encontros oriundos das aulas na graduação, durante o segundo semestre de 2019. Quanto ao grupo de pesquisa, os encontros acontecem mensalmente desde o primeiro semestre de 2017, em sala reservada pelas líderes do grupo e tem duração de uma hora e meia, aproximadamente. Os encontros são divulgados por *e-mail* e pelas redes sociais, aberto à comunidade acadêmica e externa. Nos encontros são exibidas pesquisas de mestrado, doutorado, iniciação científica, de extensão, dentre outras atividades vinculadas às temáticas Educação, Direitos Humanos, Diversidade e Cultura. No atual contexto, devido a Pandemia do Corona vírus, os encontros passaram a ocorrer de forma virtual, pelo *Google Meet*. Para o recorte temporal deste texto foram destacadas algumas das pesquisas e ações de extensão de 2019 ao primeiro semestre de 2020, vinculadas ao grupo.

Como referencial teórico e metodológico nos ancoramos nas obras freirianas e sua contribuição para as teorias pós-críticas da educação (GIROUX, 1997; CANDAU, 2012). Abordamos a educação em direitos humanos como um processo de compreensão histórica, social, política e intercultural que produz efeitos nas práticas cotidianas no que tange ao enfrentamento às desigualdades sociais, ao preconceito estrutural e institucionalizado, bem como a defesa da dignidade humana.

Os resultados da presente pesquisa estão organizados nos seguintes eixos de discussões: 1) *WebQuest* e Direitos Humanos: a produção de círculos dialógicos com estudantes de pedagogia; 2) A importância do ato de ler e a iniciação científica em rede; 3) A educação como prática da liberdade em pesquisas transgressoras. Cada eixo equivale a ações no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão em rede da presente

pesquisadora, autora deste texto. A seleção por estes três eixos refere-se a amplitude das teorizações freirianas, o diálogo com diferentes perspectivas e propostas de ações voltadas à efetivação de uma educação em direitos humanos.

Trilhas da pesquisa: produções educativas com o uso dos círculos dialógicos

Os caminhos metodológicos desta pesquisa são de caráter qualitativo no que tange a discussão de direitos humanos e seus desdobramentos temáticos. E como a teoria freiriana pode contribuir para a educação em direitos humanos por meio de círculos dialógicos? Com a intenção de atender a questão norteadora do presente texto propomos a experiência do círculo dialógico tanto em uma disciplina da graduação, quanto em orientações de iniciação científica e de pós-graduação. Para além disso, tais experiências foram divulgadas em um projeto de extensão promovido pelo grupo de pesquisa GEPEDIC, tendo como público alvo estudantes de graduação, docentes do Ensino Superior, da Educação Básica, alunas/os de Iniciação Científica e comunidade externa interessada.

Foi na obra de Sandra Jovchelovich (2008, p. 252) que encontramos Paulo Freire e sua metodologia de alfabetização de adultos como um exemplo metodológico de encontros dialógicos entre diversos conhecimentos. Para a autora, “a Pedagogia do Oprimido de Freire, cuja contrapartida é uma pedagogia da autonomia, constitui um *corpus* teórico e prático sobre a estrutura dos encontros entre diferentes saberes, expresso no encontro entre educador e educando”. Com efeito, a proposta dialógica foi usada como prática coletiva por meio da coexistência de saberes. O conceito de dialogicidade está ancorado na Teoria das Representações Sociais (TRS) e converge com a proposta de Paulo Freire em seus círculos de cultura.

No livro “Educação como prática da liberdade”, Paulo Freire (1967) propõe a alfabetização de adultos, sem cartilha ou material didático, por meio de círculos de cultura compostos por trabalhadores/as populares que se reuniam sob a coordenação de um coordenador/a, com a finalidade de discutir assuntos temáticos, de interesse do grupo de educandos/as, cabendo ao educador/a-coordenador/a dialogar sobre o tema apresentado pelo grupo. No prefácio, escrito por Ernani Fiori, de uma das obras mais conhecidas de Freire, a Pedagogia do Oprimido, sua proposta é apresentada do seguinte modo:

No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em ‘reciprocidade de consciências’; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo (FREIRE, 1987, p. 6).

Em sua obra “Pedagogia da Autonomia”, Freire (2001) além do conceito de dialogicidade, entendemos que apresenta discussões atreladas a uma proposta voltada à educação em direitos humanos. Considera, por exemplo, a intersecção dos conceitos de classe, raça e gênero que abarcam as questões relacionadas a articulação teórica e metodológica da presente pesquisa:

A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da pureza em puritanismo. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. Na maneira como lidamos com os conteúdos que ensinamos, no modo como citamos autores de cuja obra discordamos ou com cuja obra concordamos (FREIRE, 2001, p. 17).

O posicionamento de Freire (2001) em abordar questões éticas e de dignidade humana nos remete à ideia de que suas contribuições teóricas e metodológicas vão para além das discussões polarizadas entre dominantes e dominados, pois evidencia uma postura política que favorece grupos considerados inferiores pelas representações hierárquicas de poder, tal atitude requer uma reflexão e ação diferenciadas dos sujeitos sociais.

A proposta freiriana se articula à educação em direitos humanos ao defender uma educação como prática da liberdade que chegue a todas as pessoas, em outras palavras “esse diálogo propicia conhecimento científico como um ato político do ser humano em se libertar das amarras sociais que o designam ao lugar de opressão social”. (FRANÇA *et al*, 2021, p. 329).

Para bell hooks⁴⁹ (2017), autora feminista estadunidense, Paulo Freire demonstra em suas obras uma “mente aberta” pouco presente na academia norte-americana e mesmo nos grupos feministas. Menciona que à medida que Paulo Freire envelhece apresenta maior disposição em receber críticas, inclusive sobre a linguagem sexista presente em algumas de suas obras. Para Freire (2001), refletir significa agir contra ações de preconceito e exclusão:

A prática preconceituosa de raça, de gênero ofende a substancialidade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente,

49 Gloria Watkins é conhecida como “bell hooks”, nome inspirado em sua bisavó materna. O uso da letra minúscula é estratégia da autora que prefere dar enfoque ao conteúdo de sua escrita e não à pessoa.

negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagogia da democracia (FREIRE, 2001, p. 39-40).

Para Giroux (1997) e hooks (2017) a proposta freiriana está ancorada na coexistência dos conhecimentos diversos, na partilha de experiências de narrativas de vozes que foram silenciadas e que precisam ser reconhecidas. Afinal, “as pedagogias críticas da libertação [...] abraçam a experiência, as confissões e os testemunhos como modos de conhecimentos válidos, como dimensões importantes e vitais de qualquer processo de aprendizado” (hooks, 2017, p. 120).

Com base nessas premissas é que produzimos o círculo dialógico que teve inspiração nos círculos de cultura freirianos, e como exposto, foi também cunhado por pesquisas desenvolvidas por França (2014; 2016); França e Calsa (2015). Para além das autorias já mencionadas destacamos Romão, Cabral; Carrão (2006) e Accorssi (2011) que teorizam sobre o círculo epistemológico⁵⁰ e sua consolidação como um recurso metodológico “no qual pesquisados/as tornam-se pesquisandos/as, enquanto o/a pesquisador/a é desafiado/a a questionar suas próprias representações” (FRANÇA, 2014, p. 98).

As teorizações do círculo epistemológico e a proposta de Jovchevitch (2008), em produzir pesquisa como uma ação dialógica, ambas ancoradas em Paulo Freire, nos possibilitaram a organização de um recurso metodológico: o círculo dialógico. Posteriormente, as discussões de bell hooks (2017) fortaleceram o uso do círculo dialógico como um potente recurso para as ações em nível de ensino, pesquisa e extensão.

Sendo assim, os encontros do círculo dialógico tiveram duração de 1h30min a 2 horas e seu desenvolvimento seguiu um roteiro de referência – conteúdo da disciplina de educação em direitos humanos, temáticas centrais dos encontros do grupo de pesquisa – com possibilidades de ajustes conforme as necessidades e condições de cada grupo ou ação.

Com base em França (2014) as etapas foram organizadas da seguinte maneira: a) apresentação do objetivo da ação dialógica: educação em direitos humanos com premissa freiriana; b) exposição dos conceitos, ideias, compreensões, atitudes e convicções das/os participantes que quiseram se manifestar sobre o conteúdo em pauta; c) discussão das afirmações apresentadas (problematização do tema a partir de suas condições históricas e de poder); d) levantamento de outras possibilidades e alternativas expressas até aquele momento pela coordenadora e pelo grupo.

50 Romão, Cabral e Carrão (2006) apresentam o círculo epistemológico como uma metodologia de pesquisa baseada no círculo de cultura de Paulo Freire. Accorssi (2011) complementa que esta metodologia desafia as formas convencionais da produção de saberes.

Durante o segundo semestre de 2019, no primeiro ano de implementação da disciplina de Educação em Direitos Humanos, foram produzidas teorizações e atividades para a produção de WebQuest (website com conteúdo dirigido) com aproximadamente setenta (70) estudantes do primeiro ano do curso de Pedagogia, períodos diurno e noturno.

A disciplina conta com carga horária total de sessenta horas (60h) para cada período e tem como um dos objetivos desenvolver atividades de campo, como curricularização da extensão em espaços educativos, para problematizar a realidade e encaminhar propostas visando uma educação em direitos humanos. Para tanto, como metodologia da pesquisa, utilizamos o formato de círculos dialógicos com as/os estudantes, durante 20 horas aulas e instruímos a realização de WebQuest (WQ) como ferramentas educativas.

A WQ é constituída de uma página na *Web* que se diferencia nos processos que a definem. É utilizada com a finalidade de “conduzir o aluno ao processo de construção do conhecimento” (ROCHA, 2007, p. 60). Uma das vantagens do trabalho com a WQ é a variedade de temas, níveis de ensino, áreas de conhecimento e situações de aprendizagem, para os quais pode ser adaptada (PEREIRA, 2008; FRANÇA *et al*, 2021).

Paralelamente, realizamos três orientações coletivas de estudantes de iniciação científica com temáticas voltadas à conscientização e sensibilização dos temas de gênero, raça, etnia, classe e mídias. Uma das pesquisas esteve voltada à formação de educadoras/es da Educação Básica, enquanto as outras duas estiveram mais centradas na problematização dos conteúdos midiáticos dirigidos à formação de crianças e adolescentes, tais como redes sociais e desenhos animados.

No primeiro semestre de 2020 iniciamos três orientações de mestrado, duas em um programa interdisciplinar – Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento (UNESPAR), a outra no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM), com temáticas que se entrelaçam a educação em direitos humanos.

As pesquisas se configuraram em formação continuada de Direitos Humanos e Gênero para os Anos Iniciais da Educação Básica; formação para educadoras/es sociais que atuam com crianças e adolescentes em instituições de acolhimento; proposta de escuta e rede de acolhimento à população transexual do município de Campo Mourão. No caso das orientações de mestrado, devido ao período pandêmico, seguimos com encontros coletivos, no entanto, no formato virtual. Em vista disso, organizamos os eixos de análise já anunciados que passam a ser apresentados na sequência.

WebQuest e Direitos Humanos: a produção de círculos dialógicos com estudantes de pedagogia

Com a intenção de potencializar as mediações do círculo dialógico optamos por realizar um trabalho em rede. Para tanto, apresentamos parte do percurso da disciplina Educação em Direitos Humanos e o resultado com a produção final da formulação de seis WebQuest (WQ).

A WQ foi criada no ano de 1995 pelo professor Bernie Dodge na Universidade Estadual de San Diego, nos Estados Unidos. Ao idealizar esta ferramenta, Dodge propôs uma metodologia investigativa, orientada para uma “busca na *web*” por meio de recursos, informações e conhecimentos oriundos da *internet*, com o objetivo de fornecer aos/as educadores/as, suporte para suas atividades, de forma que os/as estudantes se envolvessem e se engajassem em tarefas atrativas na busca do conhecimento (ROSSI; FRANÇA, 2020a).

Pesquisa realizada por Barbosa e Recena (2011, p. 15) evidencia que Paulo Freire reconhece as potencialidades das tecnologias e ao longo de suas obras defende tal uso desde que haja rigor metodológico e conhecimento. As autoras sinalizam a relação do uso da WQ com as ideias de Freire: “as WebQuests possuem caráter dialógico e problematizador, podendo ser trabalhadas na perspectiva de Paulo Freire [...]”:

Ora, os meios de comunicação, os instrumentos tecnológicos – como, por exemplo, a máquina de ensinar – são criaturas nossas, são invenções do ser humano, através do progresso científico, da história da ciência. O risco aí seria o de promovê-los, então, a quase fazedores de nós mesmos (FREIRE; GUIMARÃES, 1984, p. 58).

Compreendemos, assim como os/as autores/as supracitados/as, que o instrumento metodológico por si só não produz conhecimentos, a diferença está no processo de uso das técnicas e tecnologias, bem como o seu acesso. A este encontro as autoras Kenski (2001; 2012), França *et al*, (2019) consideram fundamental a formação de profissionais conscientes e críticos que saibam utilizar as novas tecnologias nos mais variados segmentos. Os cursos de formação docente necessitam de uma reestruturação que contemple o uso das tecnologias na educação, bem como práticas educativas voltadas às tecnologias digitais e seu amplo acesso.

Nesta conjuntura defendemos o uso das WQ como recurso didático favorável ao acesso de conteúdos científicos, de reflexões sobre o impacto das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no cotidiano das pessoas, desde que seja democratizado. Assim como Barbosa e Recena (2011), defendemos que a WQ fomenta momentos de pesquisa, troca de conhecimentos entre educadores/as e educandos/as e pode ser ainda mais potente no contexto pandêmico devido a Covid-19. Para tanto, é preciso exigir do Estado e outras instituições responsáveis o acesso à educação e às ferramentas utilizadas nesse processo.

Rossi e França (2020b) destacam a WQ como uma estratégia válida na formação docente e sinalizam dados com o uso deste recurso. Ao realizarem a metodologia da WQ sobre os estudos de gênero constataram a adesão de docentes em formação inicial e continuada que reconheceram o uso da ferramenta como possível trabalho com estudantes em diversos níveis e modalidades da educação.

É pensando neste cenário atual e na necessidade da formação docente na perspectiva freiriana, que produzimos WQ com estudantes do curso de Pedagogia, com o propósito de contribuir para a formação inicial que contemple a educação em direitos humanos. Como já apresentado, a WebQuest se configura como uma busca guiada na internet, como um processo investigativo com o objetivo de contribuir ao ensino e aprendizagem. São inúmeras as atividades que podem ser desenvolvidas por uma WQ e nela devem constar alguns passos:

1. Introdução: apresentar o tema de maneira breve com questões que fundamentem o processo investigativo. Momento de promover a curiosidade das pessoas sobre o tema.
2. Tarefa: o que deve fazer após o contato com a WQ. De que modo pode propor a elaboração de um produto criativo que seja atrativo e desafie as pessoas que interagirem com a WQ.
3. Processo: é a demonstração do passo a passo de como o/a estudante deve ser guiado/a pela WQ. Como irão proceder para o desenvolvimento da Tarefa e a dinâmica da atividade.
4. Recursos: as fontes de informação (também chamadas de recursos) são materiais, *sites* e páginas da *Web* que a/o professor/a escolhe. Devem ser consultados pelos/as estudantes para a realização da Tarefa. Podem estar na seção processo ou ser alocado em uma página separada.
5. Avaliação: apresentação do resultado da Tarefa que será apreciado e a descrição dos critérios que serão considerados.
6. Considerações Finais/ Conclusão: síntese do propósito geral do que pode ser aprendido com a WQ (FRANÇA, 2020; ROSSI; FRANÇA, 2020a, FRANÇA *et al*, 2021).

Como parte avaliativa da disciplina as WQ foram apresentadas por doze grupos, seis no período diurno, seis no noturno, referente às temáticas: 1) mulheres, 2) população negra, 3) indígenas, 4) população idosa, 5) Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queers, e outras mais (LGBTQ+), 6) crianças e adolescentes.

Após a conclusão, em grupo, de cada uma das WQ os/as integrantes fizeram a apresentação em sala de aula e disponibilizaram o *link* na página da disciplina, no *Facebook*, para os/as demais colegas acessarem, explorarem, interagirem com cada uma das temáticas. A outra orientação foi que a WQ fosse devolvida para as pessoas que contribuíram com entrevistas e/ou materiais.

Imagem 1: Página Inicial da WebQuest sobre os direitos da população idosa (2019)



Paralelamente às discussões e orientações das aulas para a sistematização das WQ organizamos, em conjunto com a professora da disciplina de Políticas Públicas, uma viagem com as duas turmas do curso de Pedagogia (diurno e noturno) para o Museu Afro Brasil e o Memorial da América Latina, na cidade de São Paulo-SP, no dia 02 de novembro de 2019. A intenção da viagem foi promover a integração social, cultural e política dos/as estudantes com as produções, histórias dos países de língua latina e caribenha, bem como reconhecer, valorizar, preservar o patrimônio cultural brasileiro, africano e afro-brasileiro e sua presença na cultura nacional.

Aos/as estudantes que não puderam viajar, por motivos pessoais ou de trabalho, deixamos um material de estudo, “A educação como prática da liberdade”, de Paulo Freire (1967). No retorno da aula, os/as estudantes que fizeram a leitura simularam um círculo de cultura e foram realizadas, em um espaço dinâmico, as trocas de conhecimento entre quem participou da viagem e quem realizou a leitura na íntegra da obra de Freire.

Foi um momento bastante proveitoso, pois os/as estudantes que não viajaram apresentaram conceitos como temas geradores, universos vocabulares, dialogicidade e os relacionaram às experiências narradas sobre a viagem. Um exemplo desse processo de trocas mútuas foi quando uma das estudantes apresentou algumas das imagens do Museu Afro Brasil, relatou o quanto aprendeu com as histórias da população negra e demonstrou sua indignação por estes conhecimentos não estarem presentes nos currículos das escolas, assim como os saberes de tantos/os outros sujeitos em condição de opressão.

Experiência semelhante foi realizada nos momentos de apresentação das WQ. Cada grupo tinha entre 30 e 40 minutos para realizar a exposição da sua WQ à turma e na sequência os/as demais colegas poderiam dialogar sobre como foi a trajetória para a consolidação da versão final do *site*.

Os diálogos foram constantes e o envolvimento com as temáticas ocorreu de modo coletivo, com a percepção da teoria na prática, seja na exposição de tipos de violência, estudos de caso e políticas afirmativas, seja em situações vivenciadas por alguns/ mas dos/as estudantes sobre os conteúdos abordados. Outro ponto alto do processo em formato de círculo dialógico diz respeito a cada equipe que foi orientada a realizar uma entrevista em *lôcus* sobre a temática, numa Delegacia da Mulher, Lar de Idosos, Movimento Negro, Comunidade Indígena, Conselho Tutelar e Comunidade LGBTQ+.

Relembrando as sugestões de hooks (2017) em fazer do espaço da sala de aula um momento de exposição de narrativas, algumas das estudantes relataram também suas histórias de vida, houve uma situação de vivência em Casa Lar quando criança, denúncia de abuso sexual por parte de um familiar, uma experiência de cárcere privado e outra de violência doméstica. Quanto aos poucos homens que fizeram a disciplina (3 do diurno e 2 no noturno) foram narradas situações de racismo (dois alunos eram negros):

Na construção dos Direitos Humanos inúmeras foram as lutas, resistências e reivindicações para que os direitos fossem garantidos às mulheres, indígenas, negros/as, crianças, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Queers e demais pessoas (LGBTQ+), grupos esses que foram e ainda são excluídos pela sociedade por questões de classe social, gênero, etnia, raça ou outras questões que não se enquadram ao padrão cultural ocidental (FRANÇA *et al*, 2021, p. 314).

Acreditamos, assim como Freire (1967) e hooks (2017), que quando os conteúdos científicos são articulados às subjetividades dos/as educandos, a relação com o conhecimento se faz de modo consciente. Ao confrontar os/as estudantes com teorizações, estudos de casos, políticas que envolvem a dimensão dos direitos humanos com suas vivências, seus relatos tiveram espaço de escuta, de visibilidade e foram impactantes. Consequentemente alguns/mas deles/as destacaram a necessidade de ampliar o conhecimento de seus direitos e fazê-los chegar a outras pessoas que os desconhecem.

Com a articulação das narrativas e dos conteúdos abordados para a produção de cada WQ percebemos que cumprimos o objetivo central da disciplina: discutir sobre educação em direitos humanos a partir dos conceitos de conflito e violência com a intenção de compreender os desafios contemporâneos das diversidades na sociedade brasileira. Para além desse objetivo entendemos que foi possível sensibilizar as/os estudantes a ouvirem outras pessoas, entenderem a diversidade da realidade e ainda a distância entre o que está previsto nas legislações com o que acontece na realidade social.

Atrelar as discussões das WQ – em *website* que sistematiza e organiza o conteúdo a ser dialogado e dinamizado – nos pareceu um caminho pertinente para colocar as teorizações freirianas em ação.

Outro fator refere-se a um trabalho de educação para as mídias em um contexto de expansão e bombardeamento de informações que nos chegam diariamente. Para que as pessoas busquem por conhecimentos em fontes confiáveis, é preciso que as escolas e as universidades estejam engajadas em um processo de educação para as mídias (FRANÇA, 2020; FRANÇA *et al*, 2021). É com essa pretensão que orientamos pesquisas com o uso do círculo dialógico, inspirado nas produções freirianas, articuladas à importância do ato de ler.

A importância do ato de ler e a iniciação científica em rede

Nesse eixo de análise optamos por apresentar a organização de três pesquisas de iniciação científica, também no formato de círculo dialógico, por meio de trocas de conhecimentos entre as/o orientandas/o. Cabe destacar que o Programa de Iniciação Científica (PIC) é voltado às pesquisas para estudantes da graduação. As pesquisas de PIC estiveram vinculadas à pesquisa da autora do texto com a finalidade de ampliar a articulação entre instituições do Ensino Superior com a Formação Inicial e continuada de docentes sobre as temáticas de gênero, diversidade, direitos humanos e educação para as mídias.

Duas das pesquisas apresentaram análises de educação para as mídias. Uma delas mapeou episódios da primeira temporada do desenho animado “Irmão do Jorel”, a fim de compreender as representações de gênero e investigar como são produzidas e veiculadas pela série, entender os sentidos, significados, proposições pedagógicas que possam ser articuladas às reflexões sobre a manutenção ou dinamização das representações sociais de direitos humanos.

O desenho animado Irmão do Jorel é uma série brasileira, criada por Juliano Enrico e exibida pela Cartoon Network Brasil desde 2014. Está disponível também na plataforma global Netflix. Foram analisados cinco episódios da primeira temporada em que seus/suas personagens problematizam padrões relacionados a classe social, gênero, corpo, raça, meio ambiente, dentre outros temas. Desse modo, entendemos que mídias pensadas para o público infanto-juvenil, entre 9 a 12 anos, como o desenho animado em foco, se apresentam de forma lúdica, podem se tornar uma ferramenta na construção/reconstrução do imaginário de crianças, jovens, adultos acerca das questões sociais, de gênero e de direitos humanos.

De modo semelhante, na segunda pesquisa, foi problematizada a erotização infantil e o processo de pedofilização presentes no *Youtube* e *Instagram*. A partir da expansão das tecnologias e a criação de várias redes sociais, buscamos compreender como as mídias têm ocupado, cada vez mais, os espaços e o tempo da vida infantil, ao substituir outras atividades da criança.

As mídias também são responsáveis pela exposição dos corpos infantis, visto que as crianças passam a fazer parte desse espaço

cibernético, produzindo e consumindo conteúdos. Tal fato tem relação com a erotização dos corpos infantis e o processo de pedofilização (FELIPE, 2013). Diante disso, analisamos as performances infantis sensualizadas que expõe os corpos de meninas como corpos-produtos a serem desejados, apreciados e consumidos.

Definimos como objeto de estudo o canal de conteúdos audiovisuais da cantora mirim Gabriella Abreu Severino, 14 anos de idade, conhecida no meio artístico como Melody, que atualmente conta com mais de 3 milhões de inscritos/as no seu canal do YouTube e seu perfil no Instagram com um total de 10 milhões de seguidores/as.

Por meio do mapeamento dos conteúdos dos canais de Melody compreendemos que a mídia e o mercado têm fomentado a erotização infantil e reforçado cada vez mais a objetificação do corpo feminino como mercadoria para a obtenção de lucro. Destacamos a necessidade de discutir e desnaturalizar a erotização dos corpos infantis em ambientes como a escola, a família, em formação de profissionais da educação, de outro lado, intensificar os debates e as discussões já existentes nas redes sociais.

A terceira pesquisa investigou o trabalho pedagógico referente a gênero e raça no Ensino Fundamental II e Ensino Médio de um Colégio Estadual de Campo Mourão-PR. Com base na perspectiva dos Estudos de Gênero e nos Estudos Culturais buscamos colaborar com as discussões e reflexões à formação docente. Foram realizadas observações participantes no ambiente escolar, registradas no diário de campo, aplicação de questionários no momento de contato com os/as docentes interessados/as na proposta, 13 professores/as, na faixa etária dos 30 aos 55 anos, 9 mulheres e 4 homens.

Por meio das respostas obtidas constatamos que os/as docentes têm conhecimento sobre a Lei 10.639/2003, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, mas de forma ainda folclorizada, pois abordam os temas somente em datas emblemáticas, como o dia do “índio” e o dia da consciência negra. Com exceção de duas docentes, os/as demais responderam não conhecer também os estudos de gênero. Apontaram a falta de materiais didáticos sobre os conteúdos de gênero e raça para a sua disciplina, sobretudo no caso das áreas de ciências exatas e naturais.

Após a conclusão dessas três pesquisas, as orientandas e o orientando foram convidados a apresentarem os resultados de seus trabalhos ao grupo de pesquisa. O grupo conta com duas lideranças e pesquisadoras/es de diferentes instituições, bem como as orientações em nível de graduação e pós-graduação. Em edições anteriores dos encontros do grupo houve participação de estudantes e docentes da Educação Básica. Devido a pandemia optamos por manter os encontros e alcançamos um público maior, de outras instituições, tanto do Ensino Superior, quando da Educação Básica.

Trazer este percurso em pauta, nessa categoria de análise, evidencia um processo dialógico, de inspiração freiriana. Mas, o que mais

nos chamou a atenção durante as trajetórias nestas três pesquisas foi o quanto, durante as orientações coletivas, no formato de círculos dialógicos, as/o estudantes evidenciaram “a importância do ato de ler”, pois como expressa Freire (1997, p. 58-59) em sua obra, “não importa que o estudo seja feito noutro local e noutro momento, como o estudo que fazemos no Círculo de Cultura. Em qualquer caso, o estudo exige sempre esta atitude séria e curiosa na procura de compreender as coisas e os fatos que observamos”.

Durante as orientações, na apresentação ao grupo de pesquisa, as/o estudantes disseram que após um ano de pesquisas e leituras de seus objetos de estudo já não conseguiam mais olhar para uma notícia, um comentário, um texto, uma reportagem ou uma postagem nas mídias sem uma percepção e análise crítica. Disseram que o PIC exige compromisso e dedicação e como resultado os posicionamentos preconceituosos não são mais vistos como naturais ou aceitáveis. É esse um dos recados deixados por Freire (1997, p. 59) “estudar exige disciplina. Estudar não é fácil porque estudar é criar e recriar e não repetir o que os outros dizem. Estudar é revolucionário!”. Essa revolução sugerida por Freire é o caminho que buscamos trilhar nas demais pesquisas apresentadas na sequência.

A educação como prática da liberdade em pesquisas transgressoras

A organização dessa categoria de análise foi pensada com base nas discussões apresentadas por bell hooks (2017) em sua obra “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”. O encontro de hooks com Freire nesse livro reverbera e ampara as nossas pesquisas na academia. Por diversas vezes ouvimos de colegas de trabalho que os estudos de gênero, raça, diversidade e direitos humanos são temas secundários que não precisam constar nos currículos oficiais, mas como temas transversais.

De modo semelhante, presenciamos, mesmo na universidade, Paulo Freire ser depreciado por não corresponder a determinados padrões academicistas. Afinal, “certas pessoas acham que todos os que apoiam a diversidade cultural querem substituir uma ditadura do conhecimento por outra, trocar um bloco de pensamento por outro” (hooks, 2017, p. 49). E é justamente a coexistência dos saberes, expresso por Jovchelovich (2008), que nos convida a conhecer a potencialidade da dialogicidade freiriana. “Não há, portanto, na teoria dialógica da ação, um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disto, há sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para a sua transformação” (FREIRE, 1987, p. 166).

As nossas opções teóricas e metodológicas perpassam as nossas inquietações, experiências e vivências, como expresso por hooks (2017) e Freire (1967; 1987; 2001). Em vista disso, as orientações na pós-graduação envolvem temáticas de pesquisas que se colocam nesse lugar

transgressor, seja no estudo de gênero, da população transexual ou de educadoras sociais que trabalham com crianças e adolescentes em situação de abandono. Os temas aqui destacados expressam um compromisso social com a educação em direitos humanos, com o embate e o enfrentamento a todas as formas de violências e violações dos direitos fundamentais.

Tem o dever, contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que lhe pretendam impor silêncio. Dos que, em nome da liberdade, matam, em si e nele, a própria liberdade. A posição radical, que é amorosa, não pode ser autoflageladora. Não pode acomodar-se passivamente diante do poder exacerbado de alguns que leva à desumanização de todos, inclusive dos poderosos (FREIRE, 1967, p. 49-50).

O que é preciso para humanizar? O que é preciso para sensibilizar e produzir alteridades? Ao ter a possibilidade de fazer parte de dois programas de pós-graduação, especificamente no primeiro semestre de 2020, as orientações seguiram de forma remota e coletiva no formato de círculo dialógico entre as propostas iniciais de pesquisa das orientandas.

Esse movimento possibilitou que as três pós-graduandas se engajassem com as temáticas propostas por elas. Suas atuações durante os encontros do GEPEDIC foram criativas e assertivas. Outro fator decisivo na organização destas pesquisas foi o atravessamento da teoria freiriana e o compromisso social de tornar a produção científica acessível a todas as pessoas com retorno social para as instituições pesquisadas.

Nas nossas propostas de pesquisas buscamos trazer vozes, que foram e são silenciadas, para que suas histórias e narrativas tenham visibilidade, que possam criar redes de representatividades e empoderamento de grupos que foram marginalizados ao longo da história.

Assim como hooks (2017, p. 245) uma das estratégias que cunhamos foram as “comunidades de aprendizado onde a voz de cada um possa ser ouvida, a presença de cada um possa ser reconhecida e valorizada”. E esse movimento foi e é possibilitado tanto nas aulas da graduação, quanto nas orientações em nível inicial, de pós-graduação e nos encontros do grupo de pesquisa. Façamos da nossa prática uma educação transgressora que problematize e desconstrua ações violentas e preconceituosas.

Considerações finais

Quando nos propusemos apresentar a potencialidade do pensamento de Paulo Freire para a efetivação de propostas voltadas à educação em direitos humanos, por meio de círculos dialógicos, intencionamos apresentar as pesquisas em rede para a efetivação do processo de dialogicidade. Um dos exemplos são os trabalhos que temos desenvolvido por meio de WebQuest no curso de Pedagogia. Essa experiência

tem nos propiciado, além de elaboração de uma *website* didática, uma troca de saberes, de sensibilização com as narrativas do outro, das diferenças e da diversidade.

Por isso, esse primeiro eixo de análise evidenciou a metodologia WQ como ferramenta para mediar e divulgar os conhecimentos em espaços escolares e não escolares. A potencialidade das discussões apresentadas pelos estudantes, por meio das WQ, provocou a necessidade urgente do conhecimento científico para uma conscientização social.

De modo semelhante, as orientações de iniciação científica promoveram um movimento de percepção do quanto o acesso ao conhecimento pode impactar as nossas práticas cotidianas e o nosso comportamento social, em específico os conceitos de gênero, sexualidade, diversidade e a expansão de conteúdos midiáticos.

A última categoria propõe um movimento de educação como prática da liberdade, uma educação transgressora no sentido de ultrapassar os limites, pois almeja romper com padrões dominantes e dar voz às pessoas que até então foram silenciadas por um sistema ainda muito patriarcal, racista, sexista e desumano.

Por fim, o grupo de pesquisa GEPEDIC foi um canal para expandir essas discussões a outros espaços. Esse movimento possibilitou compreender como as mídias têm ocupado as nossas vidas, uma vez que o papel de ensinar deixa de ser atribuído apenas às escolas, afinal, os meios de comunicação também exercem um estatuto pedagógico. Tanto a família quanto a escola precisam desempenhar junto às/aos docentes meios de problematizar com este público os conteúdos dos vídeos, das redes sociais, dentre outros meios. Sendo assim, precisamos criar espaços de diálogos com as crianças, jovens e adultos que potencializem sua capacidade crítica e reflexiva.

Ao considerar o contexto pandêmico precisamos exercer ainda mais as práticas dialógicas propostas por Freire para derrubar as notícias falsas e problematizar o senso comum que desconhece a real função da educação em direitos humanos. Para tanto, precisamos nos engajar com práticas que favoreçam a escuta de grupos que são silenciados por serem menos favorecidos economicamente e socialmente.

As práticas aqui apresentadas são experiências no Ensino Superior e pontes com a Educação Básica, mas a nossa intenção é expandir os círculos dialógicos, criar uma rede de conhecimento e conscientização para a garantia do que está previsto na Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988), em seu art. 5º: “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes”. Para isso, temos muito ainda que caminhar, mas estamos em movimento. Freire vive!

Referências

- ACCORSSI, Aline. **Materializações do pensamento social sobre a pobreza**. 2011. 184 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Psicologia, Pós-Graduação Psicologia Social, Porto Alegre, 2011.
- BARBOSA, Leila Cristina A.; RECENA, Maria Celina P. O uso de Webquests na educação crítica e emancipatória: seguindo os ideais de Paulo Freire. **Revista Ciências & Ideias**, Rio de Janeiro. v.3, n.1, 2011. p. 1-17. Disponível em: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/revista/index.php/reci/article/view/70> Acesso em: 30 de abr. 2021.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário Oficial. 1988.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Direito à educação, diversidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 715-726, jul./set. 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/04.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 54-66.
- FRANÇA, Fabiane Freire; SASSO, Andrea Geraldi.; CORDEIRO, Aline Fernanda. Educação em Direitos Humanos: um relato de experiência do estágio de docência com o uso de WebQuest. **Communitas**, Rio Branco, v. 5, n. 9, p. 312-333, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/4645>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- FRANÇA, Fabiane Freire; COSTA, Maria Luisa Furlan.; SANTOS, Renata Oliveira dos. As novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação no contexto educacional das políticas públicas: possibilidades de luta e resistência. **Revista Educação Temática Digital**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 645-661, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8654687>. Acesso em: 29 de abr. 2021.
- FRANÇA, Fabiane Freire. Gênero, diversidade e tecnologias: educação para os corpos nas e pelas mídias. In: MELO, Iran Ferreira de; AZEVEDO Natanael Duarte de. (Orgs.). **Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama...** Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 339-353. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/65140>. Acesso em: 30 de abr. 2021.

FRANÇA, Fabiane Freire. **Os estudos de gênero na Educação Básica: intervenção pedagógica na formação docente**. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2016.

FRANÇA, Fabiane Freire; CALSA, Geiva Carolina. A contribuição da dialogicidade de Paulo Freire aos Estudos de Gênero e à Teoria das Representações Sociais: um relato de experiência. In: MILITÃO, Silvio C. N.; DI GIORGI, Cristiano. A. C.; MILITÃO, Andréia N.; FRANCISCO, Marcos V.; LIMA, Márcia R. C. (Orgs.). **A atualidade de Paulo Freire frente aos desafios do século XXI**. Curitiba: CRV, 2015. p. 153-163.

FRANÇA, Fabiane Freire. **Representações Sociais de gênero na escola: diálogo com educadoras**. 2014. 186 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Educação, Maringá, PR, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 23ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1. ed. Paz e Terra: São Paulo, 1987.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação** (Diálogos), vol. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GIROUX, Henry A. Paulo Freire e a Política do Pós-Colonialismo. **Pátio**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 15-19, ago./out. 1997.

HOOKE, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2008. (Coleção Psicologia Social).

KENSKI, Vani M. **Educação e novas tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KENSKI, Vani M. **Em direção a uma ação docente mediada pelas tecnologias digitais**. In: BARRETO, Raquel Goulart. **Tecnologias**

educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

PEREIRA, Rosemary W. **Webquest**: Ferramenta Pedagógica para o Professor. Portal dia a dia Educação, Paraná, Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), p. 1-52, 2008. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1670-8.pdf> Acesso em: 29 de abr. 2021.

ROCHA, Luciano R. **A concepção de pesquisa no cotidiano escolar**: possibilidades de utilização da metodologia WebQuest na educação pela pesquisa. 2007. 214 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2007.

ROMÃO, José Eustáquio; CABRAL, Ivone. E; CARRÃO, Eduardo Vítor de M. COELHO, Edgar P. Círculo epistemológico círculo de cultura como metodologia de pesquisa. **Revista Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 9, n. 13, p. 173-195, jan./jun. 2006.

ROSSI, Jean Pablo G.; FRANÇA, Fabiane F. “Gênero e diversidade na escola”: uma proposta de WebQuest como subsídio para discussões de gênero no espaço escolar. **Revista EducaOnline**. Rio de Janeiro. v. 14, n. 3, p. 50-80, 2020. Disponível em: <http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=educaonline&page=article&op=view&path%5B%5D=1121>. Acesso em: 09 de nov. 2020. Acesso em: 29 de nov. 2020a.

ROSSI, Jean Pablo G.; FRANÇA, Fabiane F. A metodologia WEB-QUEST no contexto das questões de gênero: experiências de educadoras em debate. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.11, n.32, p. 213-243, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/4492>. Acesso em: 08 de dez. 2020b.

Recebido: 08/12/2020

Aprovado: 07/05/2021